

OS FAXINAIS DO PARANÁ: SABERES E PRÁTICAS TRADICIONAIS E A SUSTENTABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

Gustavo Conceição **Bahr**

(Universidade Estadual de Ponta Grossa - Doutorando no Programa de Pós-graduação em Geografia; Instituto Federal do Paraná - Docente de Geografia, <https://orcid.org/0000-0001-8748-819X>, gustavobahr0@gmail.com)

Resumo: Os Faxinais do Paraná são comunidades tradicionais presentes no centro-sul do estado e estão associados à Floresta de Araucárias, importante ecossistema do Bioma Mata Atlântica. Os faxinais possuem como principal característica o uso coletivo do território e dos recursos naturais, onde a floresta se torna um elemento fundamental para a própria existência dos faxinalenses. O presente artigo tem como objetivo identificar a relação entre os saberes e práticas tradicionais e a sustentabilidade socioambiental, tendo como estudo de caso o Faxinal Charqueada dos Betim, município de Imbaú. A partir de consulta à referências teóricas, trabalhos de campo, uso de geotecnologias e mapeamento participativo no faxinal, construiu-se mapa dos saberes e práticas tradicionais e do uso da terra, onde constatou-se que devido a presença significativa de práticas culturais tradicionais, resultado de seus saberes, sobretudo ligadas ao manejo exercido no território, 70% do faxinal encontra-se coberto por florestas, além de outros aspectos relevantes quando as características socioambientais. Portanto, podemos afirmar que as territorialidades presentes na comunidade são responsáveis pela sustentabilidade presente em seu território.

Palavras chaves: faxinais; saberes e práticas tradicionais; sustentabilidade socioambiental.

THE FAXINAIS OF PARANÁ: TRADITIONAL KNOWLEDGE AND PRACTICES AND SOCIO- ENVIRONMENTAL SUSTAINABILITY

Abstract: The Faxinais do Paraná are traditional communities present in the center-south of the state and are associated with the Araucaria Forest, an important ecosystem of the Atlantic Forest Biome. The faxinais have as their main characteristic the collective use of the territory and natural resources, where the forest becomes a fundamental element for the very existence of the faxinalenses. This article aims to identify the relationship between traditional

knowledge and practices and socio-environmental sustainability, having as a case study the Faxinal Charqueada dos Betim, municipality of Imbaú. From the consultation of theoretical references, field work, use of geotechnologies and participatory mapping in the faxinal, a map of traditional knowledge and practices and land use was built, where it was found that due to the significant presence of traditional cultural practices, As a result of their knowledge, especially related to the management exercised in the territory, 70% of the faxinal is covered by forests, in addition to other relevant aspects when the socio-environmental characteristics. Therefore, we can say that the territorialities present in the community are responsible for the sustainability present in their territory.

Keywords: faxinais; traditional knowledge and practices; socio-environmental sustainability.

LOS FAXINAIS DE PARANÁ: CONOCIMIENTOS Y PRÁCTICAS TRADICIONALES Y SOSTENIBILIDAD SOCIOAMBIENTAL

Resumen: Los Faxinais do Paraná son comunidades tradicionales presentes en el centro-sur del estado y están asociadas a la Floresta de Araucarias, importante ecosistema del Bioma de la Mata Atlántica. Los faxinais tienen como característica principal el uso colectivo del territorio y de los recursos naturales, donde el bosque se convierte en un elemento fundamental para la existencia misma de los faxinalenses. Este artículo tiene como objetivo identificar la relación entre los conocimientos y prácticas tradicionales y la sostenibilidad socioambiental, teniendo como estudio de caso el Faxinal Charqueada dos Betim, municipio de Imbaú. A partir de la consulta de referentes teóricos, trabajo de campo, uso de geotecnologías y mapeo participativo en el faxinal, se construyó un mapa de conocimientos y prácticas tradicionales y uso del suelo, donde se constató que debido a la presencia significativa de prácticas culturales tradicionales, como fruto de su conocimiento, especialmente relacionado con la gestión ejercida en el territorio, el 70% del faxinal está cubierto por bosques, además de otros aspectos relevantes a la hora de las características socioambientales. Por tanto, podemos decir que las territorialidades presentes en la comunidad son responsables de la sostenibilidad presente en su territorio.

Palabras clave: faxinais; conocimientos y prácticas tradicionales; sostenibilidad socioambiental.

Introdução

Os faxinais são comunidades tradicionais que possuem como principal característica o uso comum do território e dos recursos naturais, e atualmente se encontram somente no Estado do Paraná, sendo que já ocuparam áreas dos três estados do Sul do Brasil, assim como da Argentina e Paraguai. Seus saberes e práticas tradicionais estão relacionados ao manejo sustentável da floresta, resultando na sustentabilidade ambiental dos territórios ocupados, localizados no centro-sul do Paraná, área coberta pela Floresta de Araucárias, importante ecossistema do Bioma Mata Atlântica.

O objetivo do presente artigo é demonstrar a relação entre os saberes e práticas tradicionais dos faxinalenses e a sustentabilidade socioambiental presente em seus territórios. Para isso, foi feita revisão bibliográfica sobre a temática, trabalhos de campo, uso de geotecnologias e mapeamento participativo no Faxinal Charqueada dos Betim, localizado no município de Imbaú.

Os Faxinais do Paraná

Entende-se por populações tradicionais aquelas que possuem territorialidades próprias, ocupam seus territórios e possuem relação sustentável com a natureza, onde podemos citar como alguns exemplos os indígenas, seringueiros, pescadores artesanais, quilombolas, benzedeiros, entre outros. Para Diegues (2008, p. 10) devido ao “isolamento relativo, essas populações desenvolveram modos de vida particulares que envolvem grande dependência dos ciclos naturais, conhecimento profundo dos ciclos biológicos e dos recursos naturais”.

Dentre as diversas comunidades tradicionais presentes no Estado do Paraná, existem os faxinalenses, que possuem seus territórios localizados no centro-sul do estado, associados à Floresta de Araucárias. De acordo com Löwen Sahr (2008), o que define os faxinalenses são elementos de auto identificação, como: a) a associação da pecuária, da agricultura e do extrativismo em um sistema singular; b) a partilha do chão onde as terras de criar são de uso comum; c) a prática de uma agricultura de subsistência com instrumentos tradicionais; d) a forte convivência e integração com o meio ambiente através da conservação da biodiversidade e de cultura de extrativismo. Acrescenta-se ainda, sua história e cultura própria, suas tradições e seus costumes, bem como, sua vivência comunitária.

Nerone (2015) destaca que a origem dessas comunidades está associada às reduções jesuítas (séc. XVI), onde o contato entre o indígena e os espanhóis, e posteriormente a

dissolução dessas reduções, resultaram nos faxinais assim como atualmente os conhecemos. A autora ainda destaca a existência de sistemas similares aos encontrados no Estado do Paraná, na Península Ibérica.

Para Löwen Sahr (2011), o caboclo foi expulso para as matas mais densas, logo após o início da colonização europeia (séc. XIX), tendo sobrevivido pela criação à solta de suínos, a extração da erva-mate e o desenvolvimento de uma agricultura de subsistência. Toda essa diversidade resultou nessa forma de organização camponesa do centro-sul do Estado do Paraná, que são os povos faxinalenses.

A característica mais marcante na paisagem dos faxinais é o criadouro comunitário, sendo uma grande área onde diferentes animais, de diferentes donos, são criados soltos e em conjunto. Floriani *et al.* (2010) argumentam que a existência do criadouro comunitário é uma característica específica, caracterizando a centralidade do sistema, e para Löwen Sahr (2008) o criadouro comunitário, além da função de criar os animais à solta, é o espaço onde os faxinalenses habitam, local onde estão localizadas as residências dos moradores.

A forma de organização territorial adotada pelos faxinalenses, está relacionada a ocupação do território, que é entendida por Raffestin *apud* Saquet (2009, p. 79) como o “resultado das territorialidades efetivadas pelos homens [...] conjunto de relações do sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo.” Nessa perspectiva, Nerone (2015, p. 81) destaca que “no Sistema Faxinal há um modo específico de seus habitantes organizarem e distribuírem o espaço de sua moradia, que não junto com a plantação, como os demais colonos, mas junto dos animais e da floresta”.

Segundo Chang (1988, p. 45) “a característica que mais distingue o sistema faxinal das demais formas de organização camponesa no Brasil, senta-se fundamentalmente sobre a instância do comunal.” Esse elemento é presente não apenas no uso coletivo do território para criação animal, como também nos mutirões para manutenção de cercas, valos e mata-burros, nos trabalhos agrícolas e na organização das festividades. Ainda, as atividades são marcadas “sempre por elementos da coletividade, o espaço simbólico se faz presente na medida em que laços afetivos e relações sociais contribuem para a promoção da vida humana guiada por princípios substantivos de ajuda mútua [...] e de respeito à natureza”. (SILVA, 2020, p. 126).

Na configuração espacial dos faxinais, temos ainda as áreas ao redor do criadouro, as terras de plantar, onde é desenvolvida uma policultura de subsistência, com a utilização de técnicas agrícolas tradicionais, sendo o excedente comercializado ou mesmo trocado por outros produtos. As áreas de agricultura dos faxinais, ao contrário do criadouro comunitário,

são de uso privado, mas as atividades ali desenvolvidas são muitas vezes coletivas, sob o sistema de mutirão. Segundo Nerone (2015) nas terras de plantar ocorre o plantio de roças de milho, feijão, arroz, trigo e batata.

Ainda, cabe destacar a diversidade cultural presente nas comunidades faxinais, sendo que muitas dessas manifestações estão relacionadas à religião, sobretudo a um catolicismo rudimentar, sendo comum à realização de rezas, danças, festas e missas. Segundo Medeiros (2008, p. 219) “nesta relação do ser humano com o espaço do território, ele coloca valores relacionados aos sentimentos e a identidade cultural.” Portanto, a territorialidade está diretamente ligada ao espaço de identidade, dos valores culturais que os indivíduos possuem sob o local que ocupam, sendo que “os laços de identidade são criados e recriados cotidianamente”. (LAURINDO; LICCARDO; BARBOSA, 2020, p. 139).

A ocupação do território: saberes e práticas tradicionais e a sustentabilidade socioambiental

A apropriação do território está diretamente ligada a territorialidade, entendida por Little *apud* Floriani *et al* (2016, p. 106) “como o esforço coletivo (força latente) de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico.” Essa ocupação ocorre a partir das características próprias identitárias do povo faxinalense, e está relacionada com a convivência de integração que esses atores sociais possuem com a natureza, dentro de uma perspectiva de sustentabilidade.

Os faxinais do Paraná estão inseridos “na região de ocorrência natural da floresta com araucária, classificada [como] Floresta Ombrófila Mista (FOM), que recobria de forma contínua os planaltos sul-brasileiros em uma altitude entre 400m e 1.000m s. n. m.” (MORO *et al.*, 2017, p. 53). Essa floresta “é uma formação estruturalmente e floristicamente complexa, de grande biodiversidade e rara” (STRUMINSKI; STRACHULSKI, 2017, p. 28), que cobria, originalmente, 40% do Estado do Paraná, e atualmente restam apenas 0,8%, onde parte significativa da floresta está associada aos territórios faxinalenses (FILHO; DIAS *apud* HAURESKO; CORREIA; GOMES, 2017).

Floriani *et al.* (2010) destacam que a existência dos faxinais resulta nos últimos remanescentes expressivos de Floresta de Araucárias da região, reflexo da forma de uso adotada pelos faxinalenses ao longo desses anos, exemplo claro de uma forma de uso sustentável. Nerone (2015) relata, com base em dados oficiais, que a região centro-sul do Paraná se destacou como a que mantinha a maior cobertura florestal nativa.

Para Hauresko, Correia e Gomes (2017, p. 131) “a apropriação social da natureza pelos faxinalenses contribui para a conservação dos patrimônios ambientais inerentes a esse sistema social, sendo eles bens materiais e imateriais.” O sistema faxinal é um exemplo quando o assunto é o uso sustentável dos recursos, devido à forma como ocorre o uso e ocupação do território, onde Löwen Sahr (2008, p. 218) argumenta que “a conservação da biodiversidade é [...] elemento importante nas comunidades de faxinais, ocorrendo sobretudo, nas ‘terras de criar’. É neste espaço que se desenvolvem a forte convivência e integração com o meio ambiente”.

Segundo Diegues (2008) o modo de vida das populações tradicionais é o fator responsável pela existência das áreas que se encontram ecologicamente bem conservadas. Ainda sobre a relação sociedade e natureza, Hauresko, Correia e Gomes (2017, p. 133) frisam que:

os faxinalenses contribuem significativamente para a conservação ambiental dos remanescentes da Floresta com Araucárias, uma vez que neste caso, a apropriação social da natureza é inerente ao seu modo de vida, território não só de trabalho, mas também de reprodução social e cultural.

A grande questão referente à conservação do patrimônio natural, está relacionada aos saberes faxinalenses e a forma como se apropriam socialmente da natureza (HAURESKO; CORREIA; GOMES, 2017). Para Carvalho e Floriani (2017, p. 15) é “um projeto utópico, tal qual o projeto agroecológico (agroflorestal) enquanto paradigma alternativo de produção e relação com a natureza”, pois ancora suas bases epistemológicas na superação da grande divisão entre sociedade e natureza. Conforme Acosta (2016, p. 148) “é justo reconhecer que foram os povos e nacionalidades que majoritariamente evitaram a apropriação e destruição da Natureza”.

O fato é que “os faxinalenses carregam consigo um saber tradicional referente ao meio ambiente que foi constituído ao longo do tempo com base no modo de vida caboclo, que se desenvolveu por meio da interdependência com a floresta.” (HAURESKO; CORREIA; GOMES, 2017, p. 141). O modo de viver nos faxinais não segue a mesma lógica do sistema hegemônico, que tem a natureza como um valor de troca, sendo que o seu território tem para os faxinalenses valor de uso. Diante desse conflito de interesses, várias questões externas têm levado a um intenso processo de conflitos e desagregação dos faxinais nas últimas décadas.

Portanto, a preservação da floresta faxinalense está relacionada à forma como essa é apropriada, onde Floriani *et al.* (2019, p. 31) destacam que

a floresta comunitária faxinalense pode ser portanto interpretada como um jardim sagrado cultivado, [...] onde ocorre a reprodução material e imaterial da natureza-sociedade, cumprindo um papel econômico e simbólico da organização socioecológica desse grupo.

Para Stadler e Floriani (2020, p. 88) “os conhecimentos que os sujeitos das comunidades rurais tradicionais possuem da natureza e suas biodiversidades resultam de uma eco-história de convivencialidades com uma série de organismos com os quais eles compartilham um espaço comum de existência”. Portanto, a manutenção e o resgate dos saberes e práticas tradicionais é um importante caminho na preservação de cultura, identidade e o ambiente de povos autóctones, onde a ecologia dos saberes e práticas, “tem como premissa a ideia da diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico.” (DE SOUSA SANTOS, 2010, p. 54).

Não se trata aqui de um “convite a retroceder no tempo e reencontra-se com um mundo idílico, inexistente por definição”, conforme aponta Acosta (2016 p. 73), mas que os saberes e práticas tradicionais, que durante séculos preservaram a natureza e por consequência a vida em qualidade, associadas a outras técnicas, como por exemplo a agroecologia, que visam o mesmo caminhar, sejam o horizonte do bem viver, “a oportunidade para construir outros tipos de sociedades, sustentadas sobre a convivência harmoniosa entre os seres humanos consigo mesmos e com a Natureza.” (ACOSTA, 2016, p. 26).

Nessa perspectiva, os saberes e práticas tradicionais resultam na manutenção dos recursos naturais, visto que esse caráter sustentável está direcionado a sobrevivência das comunidades faxinais, pois sem a floresta, essas comunidades deixam de existir, conforme é destacado por Floriani e Floriani (2021, p. 44), onde argumentam que a “dinâmica sistêmica em que ocorrem as inter-relações dos agentes ou sujeitos com a natureza, [são] mediados pelas suas práticas”. Ou seja, as práticas resultam na preservação da floresta, e de todos os recursos naturais, ocorrendo, portanto, a preservação dos principais sujeitos nessa relação sociedade e natureza, os próprios faxinalenses.

O Estado do Paraná, na perspectiva de manter preservadas essas áreas, criou dentro do Sistema de Unidades de Conservação do Estado, uma categoria específica para os faxinais, intitulada ARESUR (Área Especial de Uso Regulamentado). O Decreto nº 3.446/1997 (PARANÁ, 1997) tem por objetivo:

[...] criar condições para a melhoria da qualidade de vida das comunidades residentes e a manutenção do seu patrimônio cultural, conciliando as atividades

agrossilvopastoris com a conservação ambiental, incluindo a proteção da Araucária angustifolia (pinheiro-do-paraná).

Hoje são 27 comunidades faxinais enquadradas na categoria ARESUR (IAT, 2021), comunidades essas que recebem o ICMS ecológico. Novak *et al.* (2018, p. 672) destacam “a importância do ICMS ecológico como ferramenta essencial para condições de melhoria da qualidade de vida das comunidades faxinalenses, conseguindo com isso manter a singularidade dessas, preservando seu patrimônio econômico, social e cultural”. Esse é um número pequeno diante da totalidade de faxinais do estado (227), mas mesmo aquelas que não se enquadram como ARESUR, mantém a floresta preservada, como resultado do manejo sustentável dos recursos naturais, conforme aponta Diegues (2004, p. 12), onde “muitas dessas áreas habitadas por populações tradicionais tinham se conservado florestadas e com alta biodiversidade pela ação manejadora ligada ao modo de vida dessas comunidades”.

De acordo com Floriani *et al.* (2019, p. 26), “socialmente apropriada, a floresta ou o bosque nativos comunitários figuram como símbolo da reprodução sociocultural dos modos de vida tradicional alternativo, que agencia projetos e territorialidades contra-hegemônicos.” Essas territorialidades são antagônicas ao sistema dominante atual, que no ambiente rural é materializado pelo agronegócio, onde no centro-sul paranaense atua principalmente na produção de soja, fumo e reflorestamentos de pinus e eucalipto, sendo esses, ainda, associados à ocupação de grandes áreas. Segundo Sonda e Bergold (2013, p. 20)

Ao longo do processo histórico de ocupação e, conseqüentemente, de disputas por terra e territórios desse estado, assistiu-se a uma rápida eliminação de sua vegetação natural. Tal eliminação foi produto dos ciclos econômicos a que o Paraná foi submetido, particularmente o da exploração da madeira, o do café, e principalmente pela modernização da agricultura, inicialmente com a monocultura da soja.

As territorialidades faxinalenses estão vinculadas a um “conhecimento tradicional [que] pode ser definido como o saber e o saber-fazer [...] transmitidos, em geral, oralmente. Para muitas dessas sociedades [...] existe uma interligação orgânica entre o mundo natural, o sobrenatural e a organização social.” (DIEGUES, 2004, p. 14). Para Floriani e Floriani (2020, p. 5), os “povos tradicionais [são] detentores de um saber capaz de dialogar com a natureza, respeitando seus limites e suas potencialidades”.

As características de uso comum da terra, assim como a vida comunitária empreendida pelos faxinalenses, são resultado das territorialidades efetivadas pelos homens. Conforme Haesbaert (2016, p. 1) “território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional ‘poder político’. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais

concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação.” Essa dominação tem sido foco do capital nos territórios tradicionalmente ocupados, conforme já citado, principalmente com as empresas fumageiras, a silvicultura e a agricultura de exportação.

As práticas produtivas agrossilvopastoris adotadas pelos faxinalenses, associadas a religiosidade e o modo de vida rural, se configuram na paisagem dos faxinais, onde são resultado de suas identidades socioterritoriais, sendo essa indissociável do seu território. Para Saquet (2009, p. 85) “o homem tem centralidade na formação de cada território: cristalizando relações de influência, afetivas, simbólicas, conflitos, identidades etc”.

Segundo Diegues (2004, p. 12),

a forte dependência dos recursos naturais, a estrutura simbólica dessas comunidades, seus sistemas de manejo desenvolvidos ao longo do tempo e, muitas vezes, seu isolamento, fazem com que possam ser parcerias necessárias aos esforços de conservação. Nessa parceria, os conservacionistas devem valorizar os aspectos positivos dessas culturas, que enfatizam a proteção do mundo natural, por meio de ações que levam à melhoria das condições de vida das comunidades tradicionais.

Complementando essa visão, Woortmann (2009, p. 119) argumenta que “o saber camponês revela um conhecimento complexo relativo à sua prática agrícola”, e para Floriani *et al.* (2016, p. 118) “as estratégias e demandas pautadas pelo coletivo indicam um cenário político de disputa pela legitimação das práticas e saberes da natureza”. Sendo assim, nessa concepção, “as comunidades de faxinais estão, portanto, diretamente relacionadas ao meio natural e ao coletivo, pois os faxinalenses dependem do ambiente, em sua forma de produção e reprodução, para subsistir”. (BARBOSA; FRANCO, 2019, p. 569).

Conflitos territoriais e impactos socioambientais

Os conflitos territoriais no Brasil estão intrinsecamente ligados a própria história do país, onde as minorias étnicas sempre foram as mais prejudicadas nessa disputa de poderes, conforme ocorreu (e ocorre) com os trabalhadores rurais sem terras, indígenas e demais povos e comunidades tradicionais. Vários problemas são correlatos a esses conflitos, como populações inteiras dizimadas, perdas de territórios, etnocídios e os problemas ambientais.

O processo de ocupação territorial pelo capital no Estado do Paraná está intimamente ligado a desagregação dos territórios tradicionalmente ocupados, onde além dos faxinais a ação se estende aos territórios indígenas, quilombolas, ilhéus e cipozeiros. No caso específico dos faxinais, a aquisição de terras por migrantes gaúchos, impulsionados pelo processo de

globalização do modo de produção capitalista, a partir da década de 1950, é um marco importante quando nos referimos ao início dessa territorialização do capital sobre a região faxinalense. (CARVALHO; FLORIANI, 2017).

De acordo com Chang (1988), a partir do fim da década de 1960, devido a política de modernização da agricultura brasileira, várias famílias rurais foram afetadas, e por conseguinte, no caso específico do Paraná, as comunidades faxinalenses vem sofrendo intenso processo de desagregação.

A partir da década de 1990, a pressão exercida pelo agronegócio, sobretudo pela política neoliberal que atuou de forma bastante agressiva contra os pequenos proprietários de terra nos países subdesenvolvidos, alterou de maneira bastante significativa os territórios e a territorialidade faxinal no Paraná. A fumicultura, os reflorestamentos de pinus e eucalipto, o plantio de soja, enfim, as commodities, e a aquisição de fragmentos do criadouro comunitário para instalação de chácaras de lazer, são até hoje os principais responsáveis pela mudança na estrutura rural dos faxinais.

Segundo Almeida (2008), os faxinais localizados na região metropolitana de Curitiba tem sido alvo dos chacareiros, ou seja, população urbana que se tornam proprietários em faxinais para instalação de chácaras de lazer. Essas áreas se tornam visadas para essa forma de uso, pois estão próximas do centro urbano, e encontram-se em bom estado de conservação. Nesse sentido, Diegues (2008, p. 26) destaca que

a vida no campo passou a ser idealizada sobretudo pelas classes sociais não diretamente envolvidas na produção agrícola [...] originando uma atitude de contemplação da natureza selvagem, lugar de reflexão e de isolamento espiritual. [...], áreas naturais [...] à disposição das populações urbanas para fins de recreação.

Outra forma de conflito bastante presente, é o que Carvalho e Floriani (2017) identificaram no Faxinal Taquari dos Ribeiros, município de Rio Azul, onde a disputa territorial ocorre pela presença das empresas fumageiras que se territorializaram na região, alterando não somente a paisagem, como toda estrutura local, com o cercamento de áreas de uso comum para o desenvolvimento do monocultivo agrícola. No município de Pinhão, Ayoub (2021) destaca os conflitos entre as populações tradicionais, sobretudo faxinalenses, e uma empresa madeireira, que envolve processo de expropriação e domínio de terras feito, inclusive, com atentados à vida de moradores locais.

Ainda, no sentido de exemplificar casos de conflitos que envolvem os faxinalenses e seus territórios, Souza (2013), em trabalho realizado utilizando cartografia social no Faxinal

Charqueada dos Betim, aponta que ocorre o confinamento de famílias, devido ao cercamento de áreas de uso comum, a morte de abelhas, onde a causa provável é o uso de produtos químicos em áreas de uso agrícola, o perigo nas estradas devido ao trânsito de caminhões carregados e ameaças aos moradores locais.

Os conflitos que envolvem os territórios faxinalenses são decorrentes, sobretudo, de uma divergência cultural, pois a partir do momento que ocorre a ocupação de pessoas ou grupos externos ao faxinal, imediatamente o território deixa de ser coletivo, passando a ser individual. Essa prática resulta, muitas vezes, na inviabilidade das atividades que são desenvolvidas na comunidade, acarretando diversos prejuízos à coletividade.

As geografias do Faxinal Charqueada dos Betim

A fim de ilustrar a relação entre os saberes e práticas tradicionais faxinalenses e a sustentabilidade socioambiental, foi realizado mapeamento no Faxinal Charqueada dos Betim, através de cartografia participativa. A comunidade se localiza no município de Imbaú, região centro-leste do Estado do Paraná, onde mantém o criadouro comunitário preservado, contando com a presença de 40 famílias e faz parte do ecossistema Floresta de Araucárias.

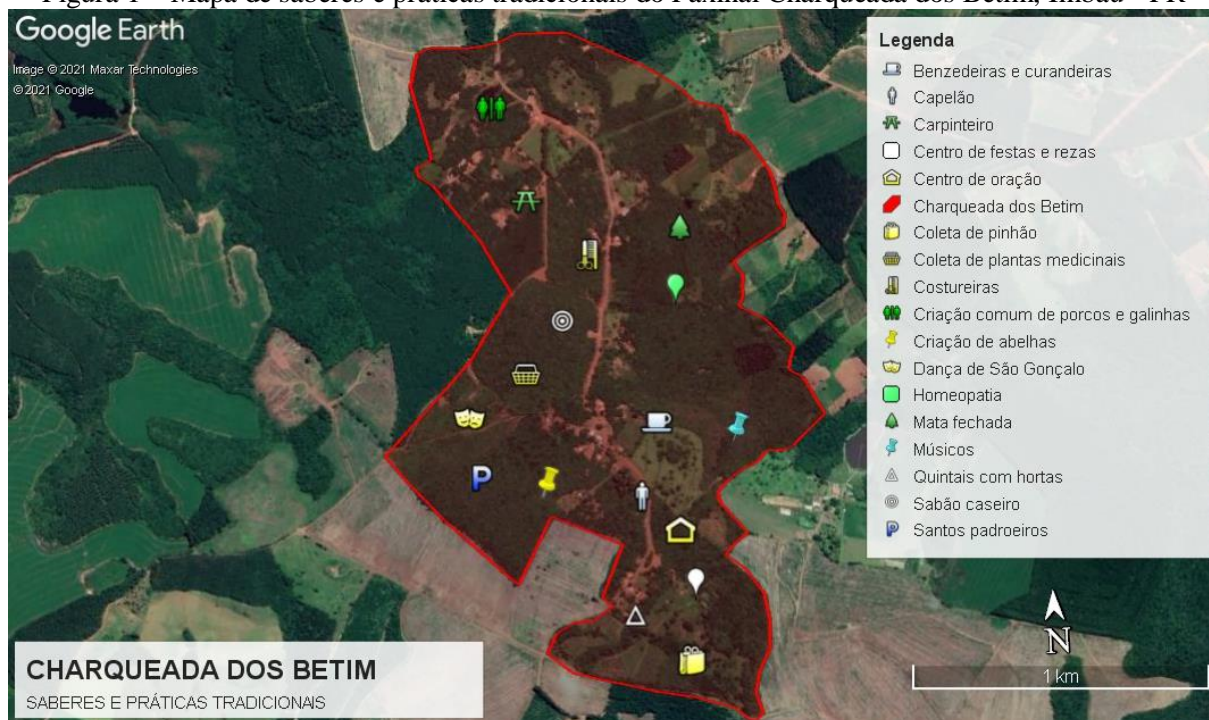
Através do trabalho de mapeamento participativo desenvolvido na comunidade, foi destacado uma série de saberes e práticas que estão relacionadas à preservação dos recursos naturais (Figura 1). Ainda, foi destacado por todos os envolvidos no mapeamento que existe mata fechada no faxinal, e que essa é importante para à própria existência da comunidade, onde a principal atividade desenvolvida é a criação à solta de animais, principalmente suínos e frangos, estando, portanto, relacionada à presença da floresta.

As atividades destacadas pelos faxinalenses são a proteção de fontes e nascentes de água, criação de abelhas, manejo sustentável da floresta, assim como a extração de pinhão e de plantas medicinais, sendo essa relacionada ao desenvolvimento da homeopatia e das práticas de benzimentos. Ainda com relação as plantas com finalidade medicinal, Preste (2020) identificou, com auxílio de benzedeiros da comunidade, 50 plantas com finalidade medicinal e utilizadas pelos faxinalenses da Charqueada dos Betim, sendo que desse montante, 60% são nativas da floresta comunitária.

No que tange à atividade relacionada à criação de abelhas, essa é desenvolvida na comunidade com a espécie “africanizada”, as quais produzem uma maior quantidade de mel, e se torna uma importante fonte de renda. Mas também desenvolvem a meliponicultura,

atividade relacionada a criação racional das abelhas nativas sem ferrão, sendo esses importantes polinizadoras das plantas silvestres (EMBRAPA, 2013).

Figura 1 – Mapa de saberes e práticas tradicionais do Faxinal Charqueada dos Betim, Imbaú - PR



Elaboração – o autor

Na perspectiva de espacializar e quantificar as relações entre a forma com que ocorre o uso da terra e sua interferência sobre os recursos naturais, que nesse caso tem destaque para a floresta, foi elaborado mapeamento do uso da terra do Faxinal Charqueada dos Betim. Para isso utilizou software Google Earth®, e imagem de satélite do próprio sistema, referente a dezembro de 2021. Os resultados estão expressos na Tabela 1 e na Figura 2, onde 70% do território é ocupado por mata, na sequência a classe campo aparece com 20,3%, seguida da classe outros com 7,9% e dos reflorestamentos com 1,8%.

Tabela 1 – Uso da terra no Faxinal Charqueada dos Betim, Imbaú - PR

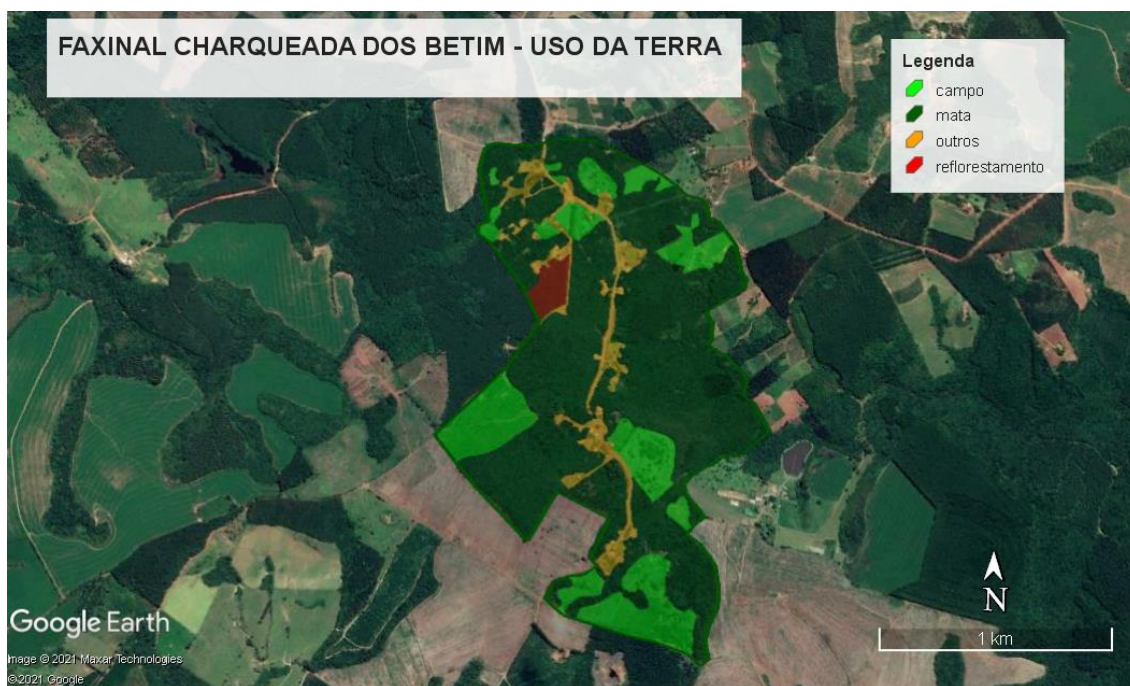
CLASSES DE USO DA TERRA	ÁREA (ha)	%
MATA	135,1	70
CAMPO	39,2	20,3
OUTROS	15,4	8
REFLORESTAMENTO	3,3	1,7
TOTAL	193	100

Elaboração – o autor

A classe de uso mata, com 70%, é composta pela Floresta de Araucárias, onde devido ao manejo empreendido pelos faxinalenses na localidade e a presença constante dos animais

solto, a floresta encontra-se alterada, com a ausência do sub-bosque, mas cumpre seu papel social e ambiental. A categoria campo foi aqui instituída para as localidades com pastos ou pequenas áreas de agricultura, sendo que a atividade agrícola desenvolvida no faxinal é para subsistência, principalmente materializada por pequenas hortas. A classe outros é referente as estradas, caminhos e a parte central da comunidade, ao redor da igreja.

Figura 2 – Mapa de uso da terra do Faxinal Charqueada dos Betim, Imbaú - PR



Elaboração – o autor

E por fim, e não menos importante, a classe reflorestamento também constou no mapeamento. De acordo com moradores do local, a implementação de reflorestamento na comunidade é bastante recente, cerca de 20 anos, pois anteriormente a atividade ficava restrita a parte externa ao faxinal.

Destaca-se também, que nas áreas vizinhas ao faxinal ocorrem alguns problemas socioambientais, o que resulta, em alguns casos, tendo interferência no próprio território faxinalense, como é o caso da utilização de agrotóxicos e as grandes áreas de reflorestamentos, com grande tendência de aumento da substituição de alimentos por madeiras.

Considerações finais

- O modo de vida faxinalense, que já ocupou cerca de 1/5 do território paranaense, é o responsável pela existência dos fragmentos de Floresta de Araucárias no estado, sendo que à medida que essas comunidades diminuem, a floresta reduz na mesma proporção, visto que essas áreas são adquiridas e possuem novos usos, como plantios de produtos como a soja, fumo e reflorestamentos de pinus e eucalipto.
- Portanto, demonstrou-se a conexão entre os saberes e práticas tradicionais faxinalenses e a sustentabilidade socioambiental, através de estudo de caso no Faxinal Charqueada dos Betim, com mapeamentos e trabalhos de campo, onde pode-se identificar diversas práticas tradicionais relacionadas à sustentabilidade e a presença significativa da floresta, e ainda, através de revisão bibliográfica, citou-se outros casos similares presentes no estado do Paraná.
- Com essa conclusão, vemos como fundamental a urgência na criação de mecanismos que sejam capazes de preservar as territorialidades e territórios tradicionais faxinalenses do Paraná, como a ampliação na criação de ARESURs, e ao mesmo tempo, atuação do Estado de maneira mais significativa junto as Universidades e Institutos Federais nos projetos que se encontram em andamento e que envolvem as comunidades, o que resultaria na preservação desse importante povo tradicional do Paraná.

Referências

- ACOSTA, A. *O Bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.
- ALMEIDA, A. W. B de. (Coord.). *Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil: Faxinalenses do Sul do Brasil*. Fascículo 2: Faxinalenses no Setor Centro do Paraná. Guarapuava/PR: novembro de 2008.
- AYOUB, D. 2021. Terra e desaforo: violência no campo, brigas e éticas de luta nos faxinais do Paraná. *Mana*. Rio de Janeiro, v. 27, n. 1. <https://doi.org/10.1590/1678-49442021v27n1a206>.
- BARBOSA, T. A.; FRANCO, A. de. (2019) O. Povos da Floresta: um estudo das nuances e das sinergias entre os Seringueiros do Acre e os Faxinalenses do Paraná, Brasil. *Terra Plural*. Ponta Grossa, v.13, n.2, p. 560-576, mai./ago. <https://doi.org/10.5212/TerraPlural.v.13i2.0018>.

CARVALHO, S. M.; FLORIANI, N. (Orgs.). *Faxinal Taquari dos Ribeiros: diálogos interdisciplinares, sustentabilidade e etnoecologia*. Ponta Grossa: UEPG, 2017.

CHANG, Man Yu. *Sistema Faxinal: uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-sul do Paraná*. Londrina: IAPAR, 1988.

DE SOUSA SANTOS, B. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: DE SOUSA SANTOS, B.; MENESES, M. P. (Orgs.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

DIEGUES, A. C. S. Saberes tradicionais e etnoconservação. In: DIEGUES, A. C. S.; VIANA, V. M. (Orgs.). *Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Atlântica: coletânea de textos apresentados no Seminário alternativas de manejo sustentável de recursos naturais do Vale do Ribeira*. São Paulo: Hucitec, 2004, p. 09-22.

DIEGUES, A. C. S. *O mito moderno da natureza intocada*. 6ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

EMBRAPA. *Agroecologia e a criação das abelhas sem ferrão*. Jaguariúna: EMBRAPA Meio Ambiente, 2013.

FLORIANI, N.; CARVALHO, S. M.; FLORIANI, D.; SILVA, A. A. I. da. Modelos híbridos da agricultura em um faxinal paranaense confluência de imaginários e de saberes agrícolas. In: V Encontro Nacional da ANPPAS, 2010, Florianópolis. *Anais do ENANPPAS*. Florianópolis: ANPPAS, 2010. p. 01-21.

FLORIANI, N.; VEIGA, A.; CUNHA, L. H. O.; GALDINO, J. R. V. A floresta e a territorialidade faxinalense: espaço sagrado, espaço de lutas. In: FLORIANI, N.; BARRERA-BASSOLS, N. (Orgs.). *Saberes, Paisagens e Territórios Rurais da América Latina*. Curitiba: Editora da UFPR, 2016. p. 100-123.

FLORIANI, N.; SKEWES, J. C.; RIOS, F. T.; SILVA, A. de A.; HALISKI, A. M.; SHIRAISHI NETO, J. (2019) Territorialidades da convivencialidade e o sentirpensar com as florestas comunitárias tradicionais na América Latina. *Seção especial: Diálogos de Saberes Socioambientais: desafios para epistemologias do Sul*, Curitiba, v. 50, p. 21-48, abr. <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v50i0.65389>.

FLORIANI, D.; FLORIANI, N. (2020) Ecologia das práticas e dos saberes para o desenvolvimento local: territórios de autonomia socioambiental em algumas comunidades tradicionais do centro-sul do estado do Paraná, Brasil. *Polis Revista Latino Americana*. n. 56. p. 01-23. <http://dx.doi.org/10.32735/s0718-6568/2020-n56-1520>.

FLORIANI, D.; FLORIANI, N. (2021) Produção e constituição de sujeitos ecológicos plurais: experiências com algumas populações rurais tradicionais e indicadores de avaliação de autonomia socioambiental. In: *Por uma epistemologia da diversidade e dos espaços marginais: (in)justiça ambiental, sujeitos subalternos, discursividades e res(x)istências no contexto do socioambientalismo contemporâneo*. Curitiba: MADE/UFPR. p. 37-60.

HAURESKO, C.; CORREIA, R. de L.; GOMES, M. de F. V. B. (2017) A relação entre a conservação ambiental da floresta com araucárias e os sistemas faxinais no Paraná. *Revista Pegada*, Presidente Prudente, v.18, n.1, p. 131-151, abr. <https://doi.org/10.33026/peg.v18i1.4728>.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialização*. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

IAT – Instituto Água e Terra. *Dados sobre Unidades de Conservação*. 2021. Disponível em: <http://www.iat.pr.gov.br/Pagina/Dados-sobre-Unidades-de-Conservacao>. Acesso em: 19 de janeiro de 2021.

LAURINDO, A. P.; LICCARDO, A.; BARBOSA, T. A. (2020) Ensaio a partir dos territórios alternativos faxinalenses do Centro-sul Paranaense. *EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação*, Porto Velho, v. 7, n. 17, p. 132-142, jan./dez. <http://dx.doi.org/10.26568/2359-2087.2020.4269>.

LÖWEN SAHR, C. L. (2008) Os “mundos faxinalenses” da floresta com araucária do Paraná: racionalidades duais em comunidades tradicionais. In: *Terr@ Plural*, Ponta Grossa. 2 (2): 213-226, jul./dez.

LÖWEN SAHR, C. L. (2011) A pesquisa extensionista em comunidades de faxinais: o estado da arte e a contribuição da UEPG. In: *Terr@ Plural*. Ponta Grossa. v. 5, n. 2, p. 179-198, jul./dez. <https://doi.org/DOI: 10.5212/TerraPlural.v.5i2.0003>

MEDEIROS, R. M. V. (2008) Território, espaço de identidade. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Orgs.). *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. p. 217-228.

MORO, R. S.; COMIM, M.; PEREIRA, T. K.; SAKANO, T. A. de F.; MACHADO, N. C. (2017) Estrutura da vegetação arbórea no criadouro comum. In: CARVALHO, S. M.; FLORIANI, N. *Faxinal Taquari dos Ribeiros: diálogos interdisciplinares, sustentabilidade e etnoecologia*. Ponta Grossa: Ed. UEPG. p. 53-66.

- NERONE, M. M. *Sistema Faxinal: terras de plantar, terras de criar*. Ponta Grossa: UEPG, 2015.
- NOVAK, M. A. L.; KUZMA, E.; GONZAGA, C. A. M.; DOLIVEIRA, S. (2018) Sustentabilidade em comunidades tradicionais: o ICMS ecológico como instrumento de proteção ao sistema faxinalense. *Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental*. Florianópolis. v. 7, n. 2, p. 672-689, abr./jun. <https://doi.org/10.19177/rgsa.v7e22018672-689>.
- PARANÁ. Assembleia Legislativa do Paraná. Decreto nº 3.446, de 14 de agosto de 1997. Cria as áreas especiais de uso regulamentado no Paraná e dá outras providências. *Diário Oficial do estado do Paraná nº 5.067*, Curitiba, 14 ago. 1997. Disponível em: http://www.iap.pr.gov.br/arquivos/File/Legislacao_ambiental/Legislacao_estadual/DEC_RETOS/DECRETO_ESTADUAL_3446_1997.pdf. Acesso em: 10 de Agosto de 2021.
- PRESTE, B. L. F. *Farmácia verde: construção de site de plantas medicinais de comunidades tradicionais*. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Técnico em Informática para Internet), Instituto Federal do Paraná, Telêmaco Borba, 2020.
- SAQUET, M. A. (2009) Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Orgs.). *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular. p. 73-94.
- SILVA, A. J. H. da. (2020) Desafiando a visão hegemônica em estudos organizacionais: contribuições das comunidades tradicionais de faxinais. *CESUMAR*, Maringá, v. 22, n. 1, p. 117-131, jan./jun. <https://doi.org/10.17765/1518-1243.2020v22n1p117-131>.
- SONDA, C.; BERGOLD, R. C. Paraná: terra, floresta e gentes. In: PORTO, L. et al. (Org.). *Memórias dos povos do campo no Paraná*. Curitiba: Instituto de Terras, Cartografia e geociências – ITCG. 2013. p. 21-22.
- SOUZA, R. M. (Org.). *Deserto verde no município de Imbaú*. Núcleo Sul Projeto Nova Cartografia Social/Boletim Informativo. Telêmaco Borba: IFPR, 2013.
- STADLER, C. B.; FLORIANI, N. (2020) Agrobiodiversidade e sementes crioulas: agenciando novas territorialidades rurais em comunidades da Região Centro Sul do Paraná/BR. *Polígonos: Revista de Geografia*. León, n. 32, p. 83-94. <http://dx.doi.org/10.18002/pol.v0i32.6406>.
- STRUMINSKI, E.; STRACHULSKI, J. (2017) A evolução da vegetação do Faxinal Taquari dos Ribeiros. In: CARVALHO, S. M.; FLORIANI, N. *Faxinal Taquari dos Ribeiros: diálogos interdisciplinares, sustentabilidade e etnoecologia*. Ponta Grossa: Ed. UEPG. p. 27-52.

WOORTMANN, E. F. O saber camponês: práticas ecológicas tradicionais e inovações.
In: GODOI, E. P. de.; MENEZES, M. A. de.; MARIN, R. A. (Orgs.). *Diversidade do
campesinato: expressões e categorias*. São Paulo: UNESP, 2009. Vol. 2. p. 119-130.